

QUARENTA ANOS ESSA NOITE.

Resenha de *Black Macho and the Myth of the Superwoman*.

Luiz Maurício Azevedo*

É uma verdade localmente aceita que *Black Macho and the myth of the superwoman*¹, escrito por Michele Wallace, e publicado originalmente em 1978, é um dos mais controversos e poderosos livros sobre a cultura negra já produzidos nos Estados Unidos. Republicado em 2015, em uma coleção com outras obras igualmente relevantes, como *Late Capitalism*, de Ernest Mandel, e *Criticism and ideology*, de Terry Eagleton, *Black Macho and the myth of the superwoman* é uma daquelas obras de culto, e desperta tanto paixão crítica míope quanto uma justificada valoração acadêmica. É sempre possível encontrar o livro no subsolo da Strand Books, a talvez mais simbólica livraria de Nova York. E é sempre interessante observar como as pessoas reagem a ele; como se agarram a um de seus exemplares, como se eles fossem amuletos com poderes de proteção. São, em sua maioria, mulheres negras. Buscam, talvez, escudos teóricos para a militância do movimento negro, que, se bem analisada - e isso é uma das ideias periféricas do livro -, costuma rapidamente tornar-se uma violência disfarçada de espetáculo das liberações, onde seus agentes masculinos estão permanentemente dispostos a destruir aquilo que declaram proteger.

O livro tem descrição em primeira pessoa e é carregado de autobiografismo. Há um exagero óbvio em sua premissa central (a saber: de que homens negros odeiam mulheres negras), mas há - e isso de longe é o que mais importa - o relato de uma denúncia relevante: a de que a organização dos movimentos sociais não apenas possui problemas de hierarquização social baseada na centralidade do patriarcado, como também orgulhosamente se utiliza desses vícios, bloqueando o surgimento de lideranças femininas e posicionando as mulheres como acessórios nas lutas políticas.

Michele Wallace é uma professora amplamente respeitada da universidade da cidade de Nova York e, embora pense hoje um pouco diferente do que na época em que escreveu sua obra mais importante, ainda defende que a identidade negra feminina se

¹ WALLACE, Michele. *Black Macho and the Myth of the Superwoman*. London and New York: Verso Books, 2015.

constitui ante dois elementos de opressão: o da cor e o do gênero. O primeiro se configura como um tema cujo enfrentamento político conta com a solidariedade de um grupo maior de pessoas, afinal, racismo é produzido igualmente contra homens. O segundo diz respeito ao fato de que tudo aquilo que ameaça o livre exercício do patriarcado (ainda que seja contra indivíduos que não gozem de grande prestígio social) recebe forte oposição. É no gênero, segundo ela, que as coisas se complicam. Como afrodescendente, a mulher negra recebe a opressão do homem branco por ser negra, enquanto, como mulher, recebe a opressão também do homem negro por ser, afinal, mulher. Em todos os lados, escárnio; em todos os cantos, humilhação. Para remediar a tudo isso surge um movimento de reação psicológica individual: a mulher negra se vê compelida a assumir as tarefas que o homem negro simplesmente negligenciou. Ao homem negro sobra questões etéreas: "o direito à liberdade", "a luta pela igualdade", ou ainda "a necessidade de resistir ao aparato jurídico feito sob medida para o condenar". À mulher negra sobrou o domínio da casa. Entretanto, a própria casa não a pertence. Para sustentar sua prole, precisa cumprir uma pesada jornada de trabalho no ambiente corporativo. Em casa, não pode negligenciar suas funções domésticas. Jamais ganhará o *status* de chefe da casa. É uma espécie de chefe-em-exercício, que está na condição de comando porque algum homem abdicou de seu papel.

Esta nova edição - em tudo superior à original - começa com uma introdução intitulada "Como eu os via e como eu os vejo agora", onde Wallace parece querer realizar um acerto de contas com o que escreveu em 1978, e igualmente com aquilo que a recepção fez com suas palavras. Ela faz um *mea-culpa*, afirmando não ter entendido, na época, o real problema da questão patriótica e como isso afetava a condição social das mulheres negras. Embora no livro ela critique sistematicamente o movimento negro, Wallace é categórica em afirmar que a presença de autores como Amiri Baraka, Ralph Ellison, Richard Wright e James Baldwin (homens profundamente ligados às questões nacionais) moldou decisivamente o modo como ela pensava e teve inegável impacto em sua formação intelectual. Esse equívoco pode ser atribuído à urgência política do debate, que exigiu de Wallace alguns sacrifícios teóricos. Essa questão - a da limitação do pensamento, ou, ainda, de uma certa necessidade de reducionismo instrumental na luta político-social - parece dominar a reflexão da autora sobre si mesma e é o ponto forte dessa edição. A militância exige hoje - talvez mais do que nunca - um preço muito alto de qualquer pesquisadora-engajada. Se ela está disposta a pagá-lo - e Wallace estava - é um tema periférico para o leitor de ocasião, mas central para aquela ou aquele que por ventura

deseje aprofundar-se na pesquisa científica sobre *black studies*. Nesta seara, posicionar-se é defender-se. E se defender é essencial em um mundo onde tudo trabalha para a desarticulação das trajetórias intelectuais das mulheres negras.

Para além da validade teórica da obra, *Black Macho and the myth of the superwoman* ressurgiu como um espectro a atormentar não apenas a comunidade negra estadunidense (ainda profundamente marcada pelo sexismo) como também a própria autora (que possui um indisfarçável sentimento de que de certa forma tenha, talvez, sabotado o movimento político que, apesar de seus grandes defeitos, pode ser apontado como co-responsável pelos avanços sociais dos quais ela mesma hoje usufrui).

O mito da super mulher é uma resposta à hiperbolização das demandas sociais da mulher negra. As discussões do livro *Black Macho and the myth of the superwoman* tornam-se ainda mais atuais no momento em que Barack Obama deixa a presidência e se intensificam os rumores da entrada de Michele Obama na realidade política estadunidense. Trata-se de uma obra fundamental na construção dos *Black Studies*, mas que não possui uma edição brasileira. É mais uma lacuna imperdoável no mar de lacunas imperdoáveis do mercado editorial doméstico.

*Doutor em Teoria e História Literária, pela UNICAMP.